

I

AMORY, FILHO DE BEATRICE

Amory Blaine herdou da mãe todos os traços, excepto aqueles raros, inexprimíveis e fortuitos que o tornaram digno de apreço. O pai, homem calado, ineficiente, admirador de Byron, e que criara o hábito de dormir sobre a *Encyclopedia Britannica*, enriqueceu aos trinta anos devido à morte de dois irmãos mais velhos, corretores bem-sucedidos de Chicago e, no primeiro impulso causado pela sensação de que o mundo era seu, dirigiu-se a Bar Harbor e lá conheceu Beatrice O'Hara. Em consequência disso, Stephen Blaine legou à posteridade a sua altura, de quase um metro e oitenta e cinco, e a tendência para hesitar nos momentos cruciais, abstrações que se faziam notar no seu filho Amory. Durante muitos anos pairou no pano de fundo da vida familiar, uma figura passiva, de rosto meio apagado por cabelos sedosos e sem vida, continuamente ocupado a «cuidar» da esposa, continuamente preocupado com a ideia de que a não compreendia, nem podia compreender.

Mas Beatrice Blaine...! Que mulher! Fotografias antigas, tiradas na propriedade do pai em Lake Geneva, Wisconsin, ou em Roma, no Convento do Sagrado Coração — uma extravagância educacional que, no tempo da sua juventude, se destinava apenas a moças excepcionalmente ricas —, mostravam a singular delicadeza das feições, a simplicidade e consumada arte dos vestidos. Tivera uma educação brilhante: em virtude da adolescência passada no meio do esplendor renascentista, estava a par das últimas bisbilhotices das Velhas Famílias Romanas; conhecida pelo nome, como uma jovem americana fabulosamente rica, pelo cardeal Vitori, pela rainha Margarida e por outras celebridades mais subtis, que exigem certa cultura para que delas se tenha sequer ouvido falar. Em Inglaterra aprendeu a preferir *whiskey and soda* ao vinho e a sua conversação do dia-a-dia

expandiu-se em dois sentidos, durante um Inverno passado em Viena. Em resumo, Beatrice O'Hara recebeu um género de educação que jamais será possível repetir-se; uma tutela medida pelo número de coisas e de pessoas perante as quais uma criatura fina podia mostrar-se desdenhosa ou encantadora; uma cultura rica em todas as artes e tradições, vazia de ideias, nos últimos dias daquela época em que os grandes jardineiros podavam as rosas inferiores, a fim de produzir um *bouquet* perfeito.

Num dos momentos menos importantes da sua vida, voltou à América, conheceu Stephen Blaine e casou-se com ele — tudo isto apenas porque se sentia um pouco cansada, um pouco triste. O único filho, trouxe-o no ventre durante uma *saison* enfadonha, e deu-o à luz na Primavera de 96.

Aos cinco anos, Amory já era para ela um companheiro encantador. Tinha cabelos dum castanho avermelhado, olhos grandes, belos, que o tempo ajustaria ao tamanho do rosto, espírito fácil e imaginativo, e gosto por roupas extravagantes. Entre os quatro e os dez anos *percorreu* o país com a mãe, no automóvel do avô, desde o Coronado, onde ela se aborreceu tanto que teve um colapso nervoso num hotel de luxo, até à Cidade do México, onde foi atacada por uma leve, quase epidémica tuberculose. Esta última doença agradou-lhe e mais tarde tornou-a parte integrante da sua «atmosfera» — principalmente depois de ter ingerido algumas bebidas bastante fortes.

Assim, enquanto meninos ricos e mais ou menos felizes desobedeciam às governantas na praia de Newport, apanhavam açoites, recebiam explicações ou liam *Do and Dare* ou *Frank on the Mississippi*, Amory mordida os condescendentes paquetes do Waldorf, ia vencendo uma natural repugnância por música de câmara e sinfonias e recebendo da mãe uma educação altamente especializada.

— Amory.

— Diga, Beatrice. (Maneira esquisita de um filho tratar a mãe, mas ela a isso o incitava.)

— Querido, não *penses* em te levantar já da cama. Sempre desconfiei que as pessoas obrigadas a levantar-se cedo quando crianças mais tarde são nervosas. A Clothilde já te traz o pequeno-almoço.

— Está bem.

— Sinto-me hoje muito velha, Amory — suspirou, o rosto assumindo uma estudada expressão de dor, a voz em requintadas modulações, as mãos tão expressivas como as de Sarah Bernhardt. — Tenho os nervos em franja. Amanhã abandonamos este sítio horrível e iremos em busca de sol.

Os olhos penetrantes e verdes de Amory fitavam a mãe através das madeixas em desordem. Mesmo naquela idade já não tinha ilusões acerca dela.

— Amory.

— *Sim.*

— Quero que tomes um banho quente, a ferver, o mais quente que pu-deres aguentar, para acalmares os nervos. Podes ler na banheira, se qui-seres.

Alimentava-o com trechos de *Fêtes Galantes* antes dos dez anos; aos onze, Amory era capaz de falar fluentemente sobre Brahms, Mozart e Beethoven. Uma tarde, deixado só no hotel em Hot Springs, provou o licor de damasco da mãe e, como lhe tivesse agradado, apanhou uma bebedeira. A princípio foi agradável mas, levado pelo entusiasmo, experimentou um cigarro e sucumbiu a uma vulgar e muito plebeia reacção. Embora o incidente tivesse assustado Beatrice, secretamente divertiu-a e tornou-se parte daquilo a que outra geração mais tarde chamaria o seu repertório.

— Este meu filho — ouviu-a ele um dia contar a uma sala cheia de mulheres admiradas e assustadas — é inteiramente sofisticado e encantador... mas sensível... Na nossa família somos todos sensíveis, *aqui*. — E pousava, radiante, a mão sobre o belo seio; depois, descendo a voz num murmúrio, contou-lhes o caso do licor de damasco. As amigas riram-se, porque era hábil narradora, mas muitas foram as garrafeiras fechadas à chave nessa noite, prevenendo os possíveis assaltos do menino Bobby ou da menina Barbara...

Estas peregrinações domésticas eram invariavelmente acompanhadas de grande aparato: duas criadas, o automóvel particular, o Sr. Blaine, quando disponível e, muitas vezes, um médico. Quando Amory teve tosse convulsa, quatro especialistas curvavam-se sobre o leito e fitavam-se cheios de tédio; quando teve escarlatina, o número dos servidores, incluindo médicos e enfermeiras, totalizou catorze. No entanto, sendo o sangue mais forte que os remédios, conseguiu safar-se.

Os Blaines não estavam ligados a qualquer cidade em particular. Eram os Blaines de Lake Geneva; tinham um número suficiente de pessoas de família para fazerem as vezes de amigos e um nível de vida invejável de Pasadena a Cape Cod. Mas Beatrice tornou-se cada vez mais inclinada a gostar apenas de recém-conhecidos, visto haver certas histórias, como, por exemplo, a da sua saúde e doenças, as recordações dos anos passados no estrangeiro, que sentia a necessidade de repetir a intervalos regulares. Como sonhos freudianos, tinham de ser atiradas cá para fora, porque senão instalavam-se lá dentro e punham-lhe os nervos em estado de sítio. Mas Beatrice dizia muito mal das mulheres americanas, especialmente das do Oeste.

— Falam com sotaque, meu querido — dizia ela a Amory. — Não com sotaque do Sul ou de Boston, que possamos ligar a certa localidade, mas apenas com um sotaque diferente. — Assumiu um ar sonhador. — Tomam à sua conta certos sotaques de Londres, velhos e cheios de traça, já sem popularidade e que têm de ser usados por alguém. Falam como um mordomo inglês depois de vários anos numa companhia de ópera em Chicago. — Tornou-se quase incoerente. — Supõe que a certa altura da vida, cada mulher do Oeste... acha que o marido é suficientemente rico para que ela possa ter... um sotaque... A *mim* não me impressionam, querido...

Embora pensasse que o corpo era uma montanha de fragilidades, achava que tinha a alma igualmente doent, e, por conseguinte, julgava-a parte importante da sua vida. Outrora fora católica, mas tendo descoberto que os padres eram infinitamente mais atenciosos quando ela estava no processo de perder ou recuperar a fé na Madre Igreja, mantinha-se numa atitude encantadoramente vacilante. Muitas vezes deplorava o carácter burguês do clero católico americano e tinha a certeza de, que se tivesse vivido à sombra das grandes catedrais da Europa, a sua alma seria ainda uma delgada chama no poderoso altar de Roma. Em todo o caso, depois dos médicos, os padres eram o seu desporto favorito.

— Ah, meu caro bispo Wiston — declarava ela —, não quero falar de mim. Imagino a avalanche de mulheres histéricas que lhe vêm bater à porta, implorando-lhe que seja simpático — (então, depois de um interlúdio preenchido pelo clérigo) —, mas o meu estado de espírito... é... singularmente diferente...

Apenas a bispos e a autoridades eclesiásticas ainda superiores divulgava ela o seu romance clerical. Quando regressara ao país conhecera um pagão, um rapaz swinburniano de Asheville, por cujos beijos apaixonados e discursos despidos de sentimentalismos tivera uma decidida inclinação — tinham até discutido os prós e os contras do caso, numa atitude que revelava mentalidade desempoeirada. Finalmente decidira-se a casar por dinheiro e o jovem pagão de Asheville atravessara uma crise espiritual, entrara para a Igreja Católica e era agora... monsenhor Darcy.

— Para dizer a verdade, senhora Blaine, ele é ainda um companheiro delicioso... o braço direito do cardeal.

— Pressinto que um dia Amory o irá procurar — sussurrou a bela dama — e o monsenhor Darcy há-de compreendê-lo como me compreendeu a mim.

Amory fez treze anos, alto e magro, sendo nele cada vez mais visíveis as características célticas herdadas da mãe. Tivera alguns preceptores,

ocasionalmente — a ideia era que ele devia *continuar* e em cada nova cidade *recomeçar no ponto em que tinha ficado*, mas como nenhum preceptor conseguira descobrir o ponto em que ele ficara, o rapaz tinha ainda a inteligência em muito bom estado. O que mais uns anos deste género de vida teriam feito dele é discutível. Finalmente, quatro horas depois de ter partido a caminho de Itália com Beatrice, rebentou-lhe o apêndice, provavelmente devido às refeições tomadas na cama, e após uma série de frenéticos telegramas para a Europa e a América, os passageiros viram com espanto o grande paquete fazer meia-volta e regressar a Nova Iorque para depositar Amory no cais. Devem admitir que, se não era vida que se levasse, era em todo o caso magnífica.

Depois da operação, Beatrice teve uma crise que apresentou semelhanças bastante suspeitas com *delirium tremens*, e Amory ficou em Minneapolis, destinado a passar os dois anos seguintes com os tios. É aqui que pela primeira vez a atmosfera crua e vulgar da civilização ocidental lhe põe a mão em cima.

UM BEIJO PARA AMORY

Os lábios contraíram-se-lhe ao ler:

Vou dar uma festa na quinta-feira, 17 de Dezembro, às cinco horas, e teria muito prazer se pudesse vir.

Sinceramente sua,

R.S.V.P.

Myra St. Claire.

Estava em Minneapolis há dois meses, e o seu principal problema tinha sido esconder dos outros rapazes da escola o quanto se lhes sentia superior. No entanto, esta convicção assentava em areias movediças. Um dia fizera um brilharete na aula de Francês (frequentava o curso de Francês adiantado), para extrema confusão do professor, o Sr. Reardon (cuja pronúncia era por ele encarada com desdém), e enorme gáudio da turma. O Sr. Reardon, que tinha passado várias semanas em Paris há dez anos, vingava-se nos verbos, mas só quando ele próprio tinha o livro aberto. Noutra ocasião quis exhibir-se na aula de História, mas com resultado desastroso, pois aí os rapazes eram da sua idade, e durante toda a semana seguinte atiraram piadas uns aos outros imitando o sotaque de Amory:

— Bem... acho que a Revolução Americana foi principalmente obra da classe média...